

Teoria, prática e tradição no campo

Terra Cooperação entre UFRGS e Emater busca capacitar profissionais para trabalho em comunidades quilombolas

Questões raciais e direito à terra são temas complexos que geram acaloradas discussões e estão longe de ser solucionados. Quando os dois assuntos são reunidos, como ocorreu no curso *Quilombos e quilombolas no Rio Grande do Sul: por uma política de assistência técnica e extensão rural inclusiva*, o desafio se torna ainda maior. Promovida pela UFRGS e pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), a atividade tem o objetivo de capacitar os profissionais da empresa para trabalhar junto a comunidades remanescentes de quilombos no estado.

Regina da Silva Miranda, coordenadora estadual de Comunidades Remanescentes de Quilombos da Emater e aluna da primeira etapa do curso, não teve dúvidas quando questionada sobre o maior obstáculo enfrentado pelos profissionais da Emater durante a formação: desigualdade racial – “branquitude e privilé-

gio, negritude e discriminação”. O corpo técnico da Emater é de esmagadora maioria branca, de origem europeia, muitos filhos de agricultores familiares que foram assistidos pela própria entidade. “Há uma carga de preconceito assustadora. Os que têm a maior boa vontade, ainda assim têm esse olhar torto, acham que eles não produzem, são preguiçosos, estão ocupando uma terra que fica ociosa e ainda querem mais terra. E isso é horrível, porque eles são os extensionistas. Acho que o curso já está mexendo nesses confortos, mas isso também não muda de uma hora para outra”. Desde 2014, Regina procurava apoio para realizar a formação; porém, conta que só conseguiu concretizar a parceria com a Universidade para realizar o curso quando contatou o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos (Neab), que trata justamente de questões raciais. “Eles têm sido parceiros nota dez, estão sempre de manga arregaçada e atendem às nossas demandas, inclusive extracurso. Em outras oportunidades, lembrei que seria legal ter uma fala do pessoal da UFRGS e prontamente eles foram”.

Um dos docentes envolvidos na cooperação é o professor José Carlos dos Anjos, integrante do Neab e do Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (Iacoreq). Ele destaca dois aspectos que ampliam a importância do curso: preservar o meio de produção de uma agricultura tradicional, em contraposição às monoculturas de latifúndios, e o ineditismo da

empreitada. “Lidar com esse público de uma forma diferenciada é uma das dimensões que tentamos aportar – além de ensinar a Emater a aprender com os públicos tradicionais, e não apenas se colocar numa postura de alguém que leva conteúdos técnicos. Mas que possa aprender outra forma de fazer agricultura, uma agricultura mais sustentável”. A Emater tem um histórico de relação com a UFRGS, em que volta e meia solicita processos de capacitação. Porém eram, diferente desta, feitas visando todo o público atendido pela instituição. Esta é a primeira capacitação feita exclusivamente para um público específico, que é o quilombola.

Proposta desenvolvida pelas duas instituições busca preservar o meio de produção de uma agricultura tradicional, em contraposição às monoculturas

Esse diferencial é de suma importância, segundo a avaliação de Mônica de Andrade Arnt, chefe do escritório da Emater em Mostardas e aluna da primeira

etapa do curso, que aconteceu em dezembro de 2017 na cidade do litoral. Os profissionais da empresa de assistência aprenderam sobre a história das comunidades e a legislação específica, uma questão que é relativamente nova para os próprios moradores, segundo a extensionista. O decreto 4.887, que reconhece o direito das comunidades quilombolas, foi publicado em 2003. Casca, no município de Mostardas, por exemplo, foi uma das primeiras do Brasil a receber o título do seu território. “Então, até o início do ano 2000, essas comunidades não eram chamadas de quilombolas, eram considerados territórios negros – e em Mostardas conhecidos como morenos. Eles estão em um processo de transformação da categoria local, de morenos, para a categoria de quilombolas, o que permite acessar essas políticas públicas”.

Diferentes saberes – Formada em Ciências Sociais pela UFRGS, Mônica trabalha com comunidades quilombolas desde o início da graduação, em 2000. Desde 2013, faz parte do quadro de profissionais da Emater. Ela aponta que, mesmo tendo experiência na área, o curso foi uma oportunidade de aprimorar sua atuação junto às comunidades. “Foi muito interessante para mim sair da posição de pesquisadora para aplicar o que se chama nas Ciências Sociais de Antropologia em ação. A gente acaba tendo uma imersão profunda na realidade dessas populações, pois participamos do dia a dia delas.” A extensionista comenta

ser importante conseguir criar uma forma de distanciamento e estranhamento da realidade quilombola, que passa a fazer parte do seu cotidiano. “Isso vai permitir que tenhamos uma atuação mais crítica junto a essas comunidades. Em vez de meros executores de políticas públicas, assim autômatos, temos um trabalho feito de forma espontânea”, complementa.

Os participantes da formação puderam aprender as especificidades de cada localidade visitada. Em Mostardas, por exemplo, conheceram uma forma de organização que não se encontra em outras regiões gaúchas. “O fórum de comunidades quilombolas existe há mais de dez anos e é formado por mais de dez comunidades, sem diretoria. É uma organização hipercomunitária, em que as comunidades revezam os locais de reuniões, sendo um espaço procurado por representantes da prefeitura e do governo estadual”, explica Mônica.

A recepção do curso foi positiva na Emater, na avaliação de Regina. “É comum em nossas atividades à distância, menos de 30% do total de inscritos fazer o trabalho de conclusão, mas nesta mais de 50% dos alunos apresentou trabalho. Isso é um bom sinal. Acho que também é uma troca boa, é importante a academia conhecer a Emater, que é um órgão que presta serviço ao meio rural”, pondera.

Emerson Trindade Acosta,
estudante do 8.º semestre de
Jornalismo da UFRGS



Agricultora idosa semeia cebola no Beco dos colodianos, comunidade quilombola situada no interior do município de Mostardas, na região leste do estado